

Thiago Penna

**Crônicas do Asfalto– Memórias de moradores e
ex-moradores de rua de Belo Horizonte**

Viçosa – MG

Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

Julho de 2014

Thiago Penna

**Crônicas do asfalto – Memórias de moradores e
ex-moradores de rua de Belo Horizonte**

Projeto experimental apresentado ao Curso de
Comunicação Social / Jornalismo da Universidade
Federal de Viçosa, como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Laene Mucci

Viçosa – MG

Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

Julho de 2014

Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Artes e Humanidades
Curso de Comunicação Social/Jornalismo

Projeto Experimental intitulado Dormindo no asfalto – Memórias de moradores e ex-moradores de rua de Belo Horizonte, de autoria do estudante Thiago Souza Penna, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profa. Ms. Laene Mucci Daniel - Orientadora
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Profa. Dra. Ana Carolina Beer Figueira Simas
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Prof. Dr. Ernane Correa Rabelo
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Agradecimentos

Antes de qualquer coisa, sinto necessidade em demonstrar gratidão aos meus pais e a minha irmã que tiveram toda a paciência comigo e me fizeram estar preparado para morar sozinho, por quatro anos, em uma cidade do interior de Minas. Posteriormente, lembro-me da frase de Marguerite Youcenar: "O verdadeiro lugar de nascimento é aquele em que lançamos pela primeira vez um olhar inteligente sobre nós mesmos".

A primeira vez que a ouvi foi em um filme nacional. O protagonista havia acabado de sair da prisão e uma juíza havia lhe mandado uma carta desejando-o Feliz Natal e parabenizando-o pelo feito. Ao fundo, Caetano repetia em inglês que o caminho é longo. O filme em si não me chamou tanto atenção. Mas, de tempos em tempos, as sentenças surgem novamente na minha cabeça como um eco. Talvez esta seja a hora mais adequada de reviver a cena. A música e a frase finalmente fizeram sentido em minha vida.

Chega a hora de agradecer àqueles que me ajudaram a lançar, pela primeira vez, um olhar inteligente sobre mim – e, de alguma forma, ajudaram-me a renascer, de fato. Além de amigos foram mestres, irmãos, professores, alunos. Muito obrigado a todos aqueles que fizeram parte da “Turma do Gao”. É preciso agradecer, também, aos que, mesmo a distância, foram essenciais nesse percurso: “Motherfuckers”, muito obrigado a cada um de vocês!

Por fim, é necessário lembrar que este trabalho encerra um ciclo. Foi uma caminhada longa, devagar e exaustiva. Por diversas vezes foi cogitada a desistência. Todavia, se hoje foi possível terminá-la, devo minha eterna gratidão a duas pessoas: minha orientadora, professora Laenne Mucci e ao amigo Eduardo Nascimento Jr., que me acompanharam nesses quase seis meses, vírgula por vírgula, palavra por palavra. É necessário lembrar também do caríssimo Talles Carvalho que me acolheu em sua casa durante o último semestre. Sem vocês o meu mais importante projeto nesses últimos

seis anos jamais teria nascido. Agradeço também aos amigos Rodrigo Castro e Marcos Figueiredo pela colaboração.

Resumo:

O livro-reportagem *Dormindo no asfalto* foi um projeto experimental produzido como Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Comunicação Social - Jornalismo, na Universidade Federal de Viçosa (UFV). Pelas ruas de qualquer grande cidade é possível encontra-los aos montes, se aglomeram em praças, de baixo de marquises e de viadutos. Segundo o último censo realizado pelo IBGE Belo Horizonte possui hoje 1.827 pessoas em situação de rua. Carregam consigo histórias que trazem a tona temas universais como pobreza, relacionamentos afetivos, uso de drogas e problemas familiares. O livro traz histórias de cinco moradores e de uma ex-moradora de rua. O intuito é desmistificar o tema mostrando o quão distintas podem ser as razões que levam alguém a rua. O recurso utilizado para tanto foi o jornalismo em sua vertente mais literária. Cada história é contada através de um perfil, feito sempre com base em entrevistas preliminares e pesquisas previamente realizadas sobre o tema.

Palavras-chave: Livro-reportagem, perfil, moradores de rua, Belo Horizonte, pobreza.

ABSTRACT

The book-report “*Dormindo no asfalto*” was an experimental project produced as a final work for the Social Communication Course - Journalism, of the Federal University of Viçosa (UFV). On the streets of any major city you can find a lot of them, crowding in squares, beneath canopies and viaducts. According to the latest census conducted by IBGE, Belo Horizonte has 1,827 people living on the streets. They take with them stories that bring to the fore universal themes such as poverty, emotional relationships, drugs and family problems. The book contains stories from five residents and ex-homeless. The aim of this work is demystify the subject showing how different can be the reasons that lead someone to the street. The resource used for this purpose was journalism at its most literary aspect. Each story is told through a profile based on a preliminary interview and research performed about the topic.

Keywords: book-report, profile, street, Belo Horizonte, poverty.

Sumario

INTRODUÇÃO.....	8
1. 1. JORNALISMO E LITERATURA.....	11
1.2 Um formato de Jornalismo.....	13
1.3 Os formatos escolhidos para contar a história.....	14
2.RELATÓRIO TÉCNICO.....	16
2.1 Pré- produção.....	16
2.2 Personagens.....	20
2.2 As entrevistas.....	21
2.3 Metodologia.....	21
2.4 Produção.....	22
2.5 Pós-produção.....	25
2.5.1 Descrição do produto.....	26
2.5.2 Descrição do produto - Do outro lado da grade: perfis do cárcere.....	26
2.6 Orçamento, Materiais e Cronograma.....	26-
27	
CONSIDERAÇÕES	
FINAIS.....	27

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRÁFICAS.....28

Introdução

De acordo com o último censo divulgado pelo IBGE (2014), o Brasil possui uma população de 192 milhões de habitantes. Já a de moradores de rua equivale, aproximadamente, a 1% desse total. Isso significa que atualmente 1,8 milhões de pessoas dormem ao relento. A Política Nacional para a População em Situação de Rua define os desabrigados do país como:

Grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória.¹

A Organização das Nações Unidas (ONU), por sua vez, divide os moradores de rua em dois grupos distintos: “*shelterless*” e “*homeless*”. O primeiro é definido como “indivíduos que vivem nas ruas por falta de espaço físico para residir. Neste caso, relacionado às impossibilidades de obter um domicílio, devido a tragédias naturais, guerras, desemprego em massa, falta de renda” (PEIXOTO apud FERREIRA e MACHADO, 2007, p.8). O segundo grupo, por sua vez são:

*Those household without a shelter that would fall within the scope of living quarters. They carry their few possessions with them, sleeping in the streets, in doorways or on pier, or in any other space, on a more or less random basis.*²

O problema da população sem moradia, contudo, não é uma exclusividade brasileira. Mesmo os países desenvolvidos enfrentam problemas semelhantes - em menor escala, obviamente. A cidade de Nova York, por exemplo, conta com 64 mil desabrigados. Um recorde só comparável aos números alcançados durante a grande crise financeira de 1930. Outro exemplo é da região metropolitana de Londres, que concentra cerca de 35 mil desabrigados.

1 BRASIL, Decreto no. 7053/2009, art.1º, Parágrafo Único.

2 UNITED NATIONS, 1998

Em Belo Horizonte, segundo o “Censo da População de Rua”, realizado pela prefeitura em 2013 e divulgado em abril desse ano, a população em situação de rua teve um aumento de 52% nos últimos oito anos, saltando de 1200 para 1827 pessoas. De acordo com a assistente social do albergue “República Reviver”, Vanessa Aparecida “o perfil daquele morador de rua que vinha pra rua pra catar material reciclável que estava sempre no trânsito ou no trecho que estava na rua pra outro tipo de significação na vida mudou” muito desde 2005 e “hoje a gente tem percebido nas ruas (pelo menos o que chega aqui) é esse conflito familiar. A grande maioria devido ao uso de álcool ou de outras drogas”.

O censo confirma essas impressões. Hoje, as três principais motivações que levam alguém a sair de casa são: brigas e rupturas familiares (alegado por 52% dos entrevistados), abuso de álcool e outras drogas (44%) e o desemprego (36%). A maioria (95 %) foi pra rua sozinho e 87% são homens.

O livro “Crônicas do Asfalto – Memórias de Moradores e Ex-Moradores de Rua de Belo Horizonte” surge com o objetivo de contar, através do jornalismo e da literatura, a história de personagens que vivem nas calçadas e abrigos da capital mineira. O intuito é desmistificar o contexto em que vive a população de rua e apresentar ao leitor pessoas comuns, que viveram diversas situações de vida, mas hoje carregam consigo o estigma de “mendigo”. O desafio é mostrar uma faceta diferente da comumente atribuída a esse grupo social.

Belo Horizonte conta hoje com seis centros especializados em acolher moradores de rua, possuindo um total de 1100 vagas. As regras e as formas como esses locais funcionam variam de acordo com o abrigo. Em geral, eles acolhem a população necessitada principalmente durante o período da noite, além de oferecerem serviços como assistência social e jurídica, alimentação e higienização. Optou-se pela “República Reviver” para colher parte do material. Localizado no bairro Floresta, próximo ao trilho do trem e pertencente à prefeitura, funciona durante a tarde e a noite, acolhendo até 500 homens.

Seis foram os personagens escolhidos para compor o livro. Destes, três alternavam a vida entre albergue e a rua, dois viviam somente nas ruas e um morava com os pais. Além deles, o livro apresenta também um dos inúmeros projetos que ajudam os desabrigados. Trata-se dos “Anjos da Noite”, ligado a Igreja Universal do Reino de Deus. Duas vezes por semana eles saem às ruas para pregar e distribuir

donativos para os indigentes da região metropolitana. Em uma delas, acompanhei o grupo durante um culto no centro da cidade e presenciei a distribuição de comida e donativos.

O livro busca retratar a vida daqueles que vivem nas margens da sociedade de consumo e são muitas vezes ignorados pelo resto dela. São homens e mulheres invisíveis aos olhos da população comum e que sobrevivem em meio à violência e à miséria tão presentes em qualquer cidade brasileira. Segundo Orwell o jornalismo consiste em ‘publicar o que ninguém quer que seja publicado’ nada se encaixa melhor nisso do que contar histórias de pessoas que a sociedade insiste em não enxergar.

1. JORNALISMO E LITERATURA

O jornalismo é, atualmente, uma prática estigmatizada. Vivemos num período em que a informação esta sendo veiculada numa velocidade impressionante e, na ânsia de “passar a notícia” ao público, o jornalista, muitas vezes, acaba reduzindo toda sua amplitude aos dois ou três fatos mais importantes que a compõe. O que vale, no final, é a forma mais rápida, simples e, principalmente, mais objetiva que um relato pode ter.

Falo, sobretudo, das primeiras páginas. Ah, eu ainda apanhei a última geração romântica da imprensa. Uma manchete era, por vezes, uma solução em oito colunas, em tipos garrafais. Quando mataram o rei e o príncipe herdeiro de Portugal, o nosso Correio da Manhã lançou várias manchetes e mais esta: — HORRÍVEL EMOÇÃO! Hoje, a primeira página não faz nenhuma concessão ao espanto, nenhuma concessão ao horror, nenhuma concessão à misericórdia. Ao passo que a antiga primeira página pingavam sangue e pingava lágrima. Em nossos dias, ela é a pura e radical objetividade.

De 1968 até hoje as coisas mudaram. A internet e o surgimento das redes sociais acentuaram aquela que já era uma tendência do jornalismo brasileiro: a objetividade em detrimento da qualidade do conteúdo. O domínio das técnicas prevalecendo sobre a linguagem. Segundo o teórico Nelson Traquina “há muito mais no jornalismo, para além do domínio das técnicas jornalísticas” (TRAQUINA, 2005) e é necessária uma nova forma de se enxergar a prática:

No entanto, o jornalismo é demasiadas vezes reduzido ao domínio técnico de uma linguagem e seus formatos, e os jornalistas reduzidos a meros empregados, trabalhadores numa fábrica de notícias. (...) Para começar, o jornalismo é uma atividade intelectual (...)Basta um olhar distraído aos diversos produtos jornalísticos para confirmar que é uma atividade criativa, plenamente demonstrada, de forma periódica, pela invenção de novas palavras e pela construção do mundo em notícias, embora seja uma criatividade restringida pela tirania do tempo, dos formatos e das hierarquias superiores, possivelmente do próprio dono da empresa. (TRAQUINA, 2005, p.21).

A forma como o autor descreve um produto jornalístico pode ser encaixada perfeitamente em uma nova forma de jornalismo que dialoga cada vez mais com

elementos presentes na literatura. A descrição “atividade criativa, plenamente demonstrada, de forma periódica, pela invenção de novas palavras e pela construção do mundo em notícias” (TRAQUINAS, 2005) flerta diretamente com os elementos presentes em um texto literário. No Brasil e no mundo muitos se aventuraram em ambos os campos. Nacionalmente, Machado de Assis, Lima Barreto, Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade, Nelson Rodrigues, Caio Fernando Abreu, Rubem Braga e Zuenir Ventura foram alguns deles. No resto do mundo, Norman Mailer, Gabriel García Márquez, Ernest Hemingway, Truman Capote, Tom Wolfe são grande expoentes desse tipo de texto. Isso acontece porque, no fim das contas, jornalismo e literatura são dois elementos de um mesmo universo. Por diversas vezes uma área flertou com os recursos da outra, como afirma Edvaldo Pereira Lima:

Na verdade, a literatura e a imprensa confundem-se até os primeiros anos do século XX. Muitos dos jornais abrem espaço para a arte literária, produzem seus folhetins, publicam suplementos literários. É como se o veículo jornalístico se transformasse numa indústria periodizadora da literatura da época. (LIMA, 2004, p. 174).

1.2 Um formato de Jornalismo

O *New Journalism* surgiu no fértil século XX, durante a efervescência cultural da década de 60. O ambiente para o nascimento dessa nova forma de narrar os fatos era altamente propício: enquanto o mundo se dividia em dois pólos distintos, os jovens de uma geração inteira buscavam uma nova identidade, não se identificando com os meios já existentes. Foi assim em quase tudo aquilo que tange a cultura e o comportamento. Na música, as bandas de garagem rompiam com a hegemonia das grandes bandas de rock e nascia a *surf music*; no cinema, apareciam os movimentos como a *Nouvelle Vague*; o advento da pílula anticoncepcional, por sua vez, causou uma revolução sexual; na política, pessoas protestavam contra o belicismo e apoiavam os movimentos por direitos civis.

Em Paris ou em São Paulo, jovens se reuniam e buscavam reinventar tudo aquilo que já havia sido criado por outros. O slogan “não confie em ninguém com mais de 30” simbolizava, justamente, o rompimento de uma geração com a estrutura vigente. E foi justamente no auge de tudo isso que o escritor Truman Capote lançou, em 1966, o livro

“A Sangue Frio”. A proposta era revolucionária para os padrões da época: escrever sobre alguém ou sobre um acontecimento se apropriando de características essencialmente literárias e dar a esse fato ou uma roupagem mais completa.

Acrescenta ainda que o livro-reportagem distingue-se das demais publicações classificadas como livro em três pontos: quanto ao conteúdo (o objeto de abordagem de que se trata o livro-reportagem corresponde ao real ao factual), ao tratamento (compreendendo a linguagem, a montagem e a edição do texto, o livro-reportagem apresenta-se como eminentemente jornalístico) e a função (o livro reportagem pode servir a distintas finalidades típicas ao jornalismo, que se desdobram desde o objetivo fundamental de informar, orientar, explicar). (SERQUEIRA, 2005, p. 56)

O livro narra a história de um assassinato ocorrido nos Estados Unidos e foi idealizado após inúmeras entrevistas com os envolvidos no caso. Apesar de já existirem obras que misturavam jornalismo e literatura, Capote foi o primeiro a levar a premissa até as últimas consequências – e, com isso, ganhar destaque com a obra. O grande trunfo dessa vertente era abandonar toda a objetividade capaz de engessar o modelo jornalístico e trazer para a superfície os menores detalhes contidos na história.

Após “A Sangue Frio”, o segundo livro do gênero a ter uma grande repercussão na sociedade foi “Os Exércitos da Noite” Norman Mailer (1968), contando os relatos do autor na “Marcha sobre o Pentágono” (manifestação contra a Guerra do Vietnã que reuniu milhares de pessoas em Washington).

Na visão de Tom Wolfe o jornalismo alcançava um status literário próprio a partir de então, constituindo um gênero que não mais poderia ser considerado inferior. Na pior das hipóteses, não haveria mais como negar as qualidades literárias da produção dessa corrente jornalística. E qual era a vertente inspiradora dessa turma? O bom e velho realismo social, que a própria literatura americana já havia abandonado, mas que os novos jornalistas recuperaram, reformam, melhoram. O realismo social no melhor estilo de Balzac e de Dickens. (LIMA, 1993, p. 48)

O *New Journalism* é, portanto, uma retomada às origens do jornalismo, quando este se assemelhava mais a literatura, além de ser um campo onde o autor possui maior liberdade (e, conseqüentemente, maior responsabilidade sobre aquilo que escreve), um intermediário entre a literatura e o jornalismo. Fazendo essa ponte, o jornalista passa a transitar em dois meios e, ao mesmo tempo, necessita ter um domínio maior dos dois formatos.

Produzindo em profusão e com uma linguagem mais trabalhada do que preconizavam os primeiros manuais de redação, os expoentes do new journalism ganharam livros. Transição de meio para o outro era

quase uma consequência direta do profundo interesse que havia na sociedade pelas histórias humanas, contadas de forma saborosa e muitas vezes em séries de reportagens. (BELO, 2006, p.25)

1.3 Os formatos escolhidos para contar a história

Dentro do *New Journalism* existem vários recursos que podem ser utilizados para contar a história, dando a ela o realismo e a riqueza de detalhes que o gênero exige. É necessário estar atento às nuances que o texto deve tomar e cada palavra deve ser escolhida com rigor, tendo por objetivo único o de enriquecer a história narrada. O bom “novo jornalista” é, sobretudo, aquele que se transforma em um completo coadjuvante. É necessário ter ciência de que o grande desafio do autor é contrastar fluidez e minúcias.

O escritor precisa estar atento aos sutis contrastes entre as palavras de mesmo gênero, como o pintor às infinitas gradações na paleta das cores. A luta do escritor pela palavra adequada é a sua luta mais penosa. (O adjetivo não se origina, exatamente, em trabalhar com a “pena”?) Os índios guaranis usavam quase duas dezenas de palavras para referir-se a um simples pôr de sol. Para cada matiz, uma palavra diferente. Os esquimós têm dezenas de substantivos para caracterizar a cor branca. Gustav Flaubert, que se demorou seis anos na elaboração minuciosa da linguagem de Madame Bovary, cunhou a expressão *mote juste* – a palavra certa, a palavra exata, a palavra única. (KIEFER, 2010, p. 22)

Os temas para se escrever dentro da proposta do *New Journalism* são variados. Pode-se abordar qualquer assunto e mergulhar dentro dele levando o leitor a conhecer uma nova realidade que até então lhe era estranha. Existe, porém, classificações que podem encaixá-lo de acordo com o objetivo particular e específico. Em “Páginas Ampliadas Edvaldo Pereira Lima separa os modelos de livro-reportagem nos seguintes grupos:

- Livro-reportagem-perfil: Aborda a vida de personagens famosos ou desconhecidos. Essencialmente são obras que focam no lado humano do protagonista. Uma variante dessa vertente é a livro-reportagem-biografia em que

se busca contar a história de um indivíduo, por exemplo, Yeager que conta a história do primeiro piloto a voar mais rápido que o som.

- Livro-reportagem-depoimento: Foca em um acontecimento específico e através de um texto corrido busca passar ao leitor uma ‘narrativa quente’. Um exemplo de obra desse tipo é *Papillon* no qual um ex-prisioneiro conta os sofrimentos e a fuga de uma prisão pertencente à França localizada na Guiana Francesa.
- Livro-reportagem-retrato: Aborda as nuances pertencentes em um local visando “elucidar sobre tudo, seus mecanismos de funcionamento, seus problemas, sua complexidade.” Um dos livros mais emblemáticos nesse sentido é *Airport International* do autor Brian Moynahan.
- Livro-reportagem-ciência: Apresenta um caráter de reflexão e crítica a respeito de um tema específico ligado as ciências. Um exemplo de um livro desse tipo é *Antártida*, de Luiz Oscar Matzembach.

Para escrever “Crônicas do Asfalto” foi necessário escolher um modelo para adequar livro. Buscou-se escolher aquele que melhor se encaixaria no objetivo geral e no específico e no tema proposto. Optou-se, portanto, por um misto do livro-reportagem-perfil e do livro-reportagem-retrato.

O livro-reportagem-perfil se fez necessário por um motivo óbvio: o principal objetivo da obra é contar a história de moradores e ex-moradores de rua colocando-os sempre no plano central da narrativa. A rua é o elo entre cada um dos protagonistas, mesmo que cada um tenha tido sua experiência num período distinto e contexto diferente. No fim das contas, todos passaram por situações semelhantes, comuns a todos os indigentes que moram ou que já moraram nas calçadas de qualquer grande cidade.

Todavia, justamente por possuírem esse elo é que o livro ganha pinceladas de livro-reportagem-retrato. É importante ressaltar as ligações com um mesmo local e, principalmente, esmerilhar os laços e os pontos em comum entre todos os capítulos.

1.4 Sobre o estilo

O primeiro objetivo de qualquer um que escreve é “se fazer entendido”. Ser compreendido pelo interlocutor é a finalidade e, o primeiro passo para o intento é a simplicidade.

Uma vez que determinastes um pensamento ou sentimento, expressai-o de sorte que todos vos compreendam, como convém a um homem que fala a outros homens e procura atingir neles o que directa ou indirectamente é órgão de verdade. Um estilo completo é o que alcança todas as almas e todas as faculdades das almas(1). Não sejais escravos da moda. Dai água de nascente, não drogas de farmácia. Muitos escritores, hoje, criam sistemas: ora um sistema é algo do artificial e o artificial ofende a beleza. Cultivai a arte da omissão, da eliminação; da simplificação: eis o segredo da força, que os mestres não se cansam de repetir. (SERTILLANGES, 2010, p. 65)

A simplicidade evita floreios desnecessários e adjetivações excessivas. Um texto simples é aquele que passa ao leitor as informações essenciais, de forma direta. É necessário, porém, distinguir o simples do excessivamente objetivo. No primeiro caso, o texto é “absorvido” pelo leitor quase que naturalmente; no segundo o leitor acaba por perder uma série de elementos que ajudariam a construir de forma mais completa a história. Um livro-reportagem pode perfeitamente ser de simples compreensão e, ao mesmo tempo, não se ater a meia dúzia de fatos tidos como essenciais.

O texto estilo “perfil” é o mais se deve cuidar a fim de evitar esses excessos, afinal ele exige um distanciamento adequado entre autor e obra. Escrever sobre moradores de rua se mostrou um desafio, pois o cuidado para se evitar interferências prejudiciais à narrativa teve de ser redobrado. É necessário adentrar em toda a sua profundidade sem, porém, evitar que isso prejudique o texto. O importante em um livro-reportagem é dar todos os detalhes a respeito da vida do perfilado, tal qual em um texto literário, buscando sempre alcançar a fluidez e a simplicidade de um texto jornalístico.

2. RELATÓRIO TÉCNICO

2.1 Pré-produção

Morador de rua, mendigo, pedinte, indigente. Esses nomes são comuns nas cidades brasileiras, independente do tamanho das mesmas. Contudo, dado o fato de que esse “fenômeno” tornou-se “banal”, muitas pessoas sequer dão atenção ou se lembram

de que o fenômeno em questão é um ser humano. Fui tocado por essa situação logo nos primeiros anos de vida, como relatado no prefácio do livro e transcrito abaixo:

“Meu primeiro contato com moradores de rua me remete à infância. Aos sete ou oito anos notei, pela primeira vez, aqueles seres humanos alheios à paisagem. Foi num desses domingos que, de tão quentes, nos fazem ter a impressão de que o sol está mais perto da Terra do que deveria. Era um dia de um céu aberto, azul, um típico dia de ir ao clube. Mas meus pais preferiram ir à famosa *Feira Hippie da Afonso Pena*.

Para os que não conhecem, é uma enorme feira realizada todo domingo na principal avenida da cidade. Lá se vende de tudo: de chapéus para senhoras de gosto duvidoso ao acarajé feito por ‘bairanas’, adornadas com enormes vestidos de renda brancos. Tudo isso oferecido aos milhares de moradores e turistas que se dispõem a andar por espaços estreitos, conferir um pouco de tudo e gastar quantias consideráveis em produtos que poderiam ser encontrados em qualquer outro ponto da cidade pelos mesmos preços. Os feirantes começam cedo: armam suas barracas às 4 horas da manhã. Por volta desse horário começam a chegar, também, os primeiros clientes - em geral vendedores e viajantes que aproveitam o horário para comprar produtos a serem revendidos em outras cidades.

Meus pais frequentavam a *Feira Hippie* desde a juventude. Minha mãe via na tal feira uma oportunidade de fazer compras aliadas ao lazer em família. Meu pai, por sua vez, apreciava as obras de arte exibidas nos cantos da calçada, nas proximidades do Palácio das Artes. Eu e minha irmã sofriamos com o calor forte, com a aglomeração de gente e com o fluxo da multidão. Como forma de distração, eu acabava fixando bem o olhar nas pessoas que andavam pela feira.

E foi nesse ambiente que me deparei pela primeira vez com um morador de rua. Eram 11 horas da manhã e ele estava deitado em cima de um papelão, quase tão velho quanto aparentava. Tinha uma barba espessa, grudenta e meio acinzentada pela poeira. Era um homem magro que se agarrava a uma coberta repleta de fiapos. Fazia um calor infernal e, mesmo assim, o velho homem estava deitado em pleno asfalto quente, tendo somente um papelão entre ele e o chão. Em plena feira. Em pleno centro nevrálgico de Belo Horizonte. Meus pais, ocupados com outras coisas, não chegaram a ver o indivíduo. Aquela cena, porém, nunca mais sairia da minha cabeça. Jamais tornei a ver

tal homem. Todavia, por inúmeras vezes, me peguei pensando qual teria sido seu destino e, principalmente, que tipo de história aquele idoso poderia esconder.”

Já meu segundo contato mais profundo aconteceu mais recentemente. Em 2008, eu estudava no “Colégio Soma”, localizado na Rua Espírito Santo, centro de Belo Horizonte. Eu costumava chegar à escola na parte da manhã e ia embora somente à noite. Durante o intervalo, era comum que eu e alguns amigos caminhássemos pelo centro da cidade. Na Avenida Afonso Pena, centro “nevrálgico” da capital, a cena mais repetida era a de vários mendigos dormindo em portas de Igreja e de restaurantes, sempre maltrapilhos e aparentando fome.

A história do submundo da sociedade me fascinava e me influenciava, sobretudo, por obras de jornalismo investigativo como *Abusado - O Dono do Morro Santa Marta*, do repórter Caco Barcelos e *Cabeça de Porco*, do sociólogo Luiz Eduardo Soares e dos rappers Celso Athayde e MV Bill. Desde meu ingresso no curso de jornalismo sempre tive a concepção de que o papel do jornalista era, meramente, “explicar o mundo”. E dentro disso, duas ferramentas me fascinavam: o cinema e a literatura. Acabei optando pela segunda.

A terceira reminiscência relacionada ao submundo das ruas vem do ano de 2010. Na época, já estudante da Universidade Federal de Viçosa, fui escolhido para fazer uma reportagem para o jornal “OutroOlhar” sobre as crianças de rua na cidade de Viçosa. Para realizar a matéria, entrevistei assistentes sociais, crianças de rua e, principalmente, pais e mães de jovens que se arriscavam diariamente consumindo substâncias ilícitas e vivendo de esmolas.

O desejo de fazer esse livro remonta a janeiro de 2014 quando, voltando para casa à noite, um morador de rua me abordou pedindo uma esmola. Após dar a ele cinco reais, o homem começou a contar a própria história, em um tom de desabafo. Após ouvir tudo, dei-lhe um abraço e prometi que rezaria por ele. Foi o suficiente para que o sujeito, em lágrimas, me agradecesse por ter sido seu “confessor”. Comovido, voltei para casa decidido a achar mais histórias parecidas com a que eu tinha escutado. Outro fato que contribuiu para minha escolha foi o livro *Holocausto Brasileiro: Vida, Genocídio e 60 Mil Mortes no Maior Hospício do Brasil*, da jornalista Daniela Arbex. A obra conta a história de um manicômio localizado em Barbacena, no interior de Minas

Gerais. A forma como a autora narra às histórias (de forma independente, juntando-as apenas pelo contexto) fez com que eu utilizasse esse mesmo modelo para contar histórias igualmente trágicas, mas pertencentes à outra realidade.

Mais: na reportagem-perfil, entra em campo o olhar do repórter. Ele ocupa a maior parte do tempo de apuração vendo e ouvindo. De perto, poderá constatar as reações do personagem em momentos de tensão, de nervosismo. Presenciar cenas emocionantes. Ou anotar expressões de linguagem usadas com frequência – palavras, tratamentos carinhosos, erros gramaticais, regionalismos (SALVADOR, 2004, p. 150)

A primeira entrevista

O pontapé inicial se deu numa quinta-feira, 17 de abril de 2014. Era véspera da “Semana Santa” e fui às ruas procurar pessoas para serem entrevistadas. Nessa data conversei com uma mendiga chamada Ana Lucia, que vive nas calçadas da Rua Espírito Santo. Ela se negou a conceder a entrevista e em *off* (com o gravador desligado) confessou ter certa ojeriza a jornalistas. Ela somente se disporia a dar entrevista caso eu topasse passar um tempo na rua para viver tais situações. No mesmo dia, rodei por cerca de dez horas no centro e não consegui encontrar nenhum morador de rua com disposição de falar com o gravador ligado. Já era tarde quando fui à igreja Universal do Reino de Deus e lá descobri que faziam trabalho voluntário com mendigos em uma praça localizada bem em frente ao Terminal Rodoviário.

Era por volta das 20 horas quando, junto de um grupo de dez voluntários, fomos para o local marcado. Lá, eles organizaram as cadeiras, mesas com doações e um microfone que serviria para o pastor fazer a tradicional pregação. Pouco a pouco os moradores foram chegando e, no total, 40 pessoas assistiam ao culto. Ao meu lado, deitado dentro de um carrinho de supermercado, um homem tentava prestar atenção nas palavras do pastor. Durante o evento, os voluntários se alternavam na missão de manter a ordem e conversar individualmente com alguns mendigos. O público era eclético: homens e mulheres, de idades e características mais variadas, se juntavam para assistir o culto e pedir ajuda ao pastor. Eram pessoas que não tinha absolutamente nada. Na hora da distribuição da comida e das roupas, os moradores de rua se aglomeraram em frente à mesa e, apesar do número deles ser bem superior ao nosso, não houve qualquer principio de tumulto. Uma viatura da polícia, estacionada bem no meio da praça, garantia a ordem e ajudava a preservar a integridade de todas as pessoas. Um policial

me diz que a região é tranquila e garante que o único perigo vem das ruas no entorno da praça. Nelas, traficantes e trombadinhas costumam agir com mais frequência.

2.2 Personagens

A coleta de entrevista durou cerca de duas semanas. Quando observei que possuía material suficiente, passei a selecionar as melhores e mais impactantes. Cada um desses relatos foi transformado em um capítulo do livro:

Fabio Pereira Rocha: Morador de rua da região da Savassi há cerca de dez anos. Foi traficante, esteve preso por mais de uma vez e, atualmente, escreve poesias nos muros do bairro. Pelo longo tempo que dorme no mesmo lugar, acabou tornando-se uma “figura” conhecida na região. Mesmo tendo cometido crimes e ser usuário de drogas, faz questão que seu nome seja publicado.

Ana Lucia: Moradora de rua há um ano. Foi abusada sexualmente pelo padrasto; aos 12 anos foi vendida como escrava sexual a um narcotraficante da região; aos 20 fugiu de casa e foi morar com o ex-marido, até ele ser preso e enquadrado na lei Maria da Penha. Vive na rua desde então. É analfabeta e tem oito filhos.

Fabiano Mota Pereira: Era casado quando começou a se envolver com crack. Depois disso, sua vida se resume a fugir de clínicas de reabilitação e tentar voltar para as mesmas. É jovem e tem como maior sonho conseguir se livrar do vício.

Jenifer Tatiane: Foi a menos trágica e a mais inusitada das histórias. Jovem de 21 anos, se apaixonou por um mendigo e foi morar na rua com ele. Nesse período, presenciou a violência urbana e a fome.

Paulo Duarte Cabral: Tinha família, era empresário, mas, graças a um surto, foi para as ruas. Diagnosticado com princípio de esquizofrenia e com um forte transtorno

bipolar, nas ruas descobriu o crack, agravando sua condição. Atualmente faz tratamento e acompanhamento psiquiátrico.

Juliano Geraldo Santos: Popularmente conhecido por Baiano ou Maloca. No livro, uso o apelido mais desconhecido: Caburé. Mora nas ruas desde os 12 anos. É alcoólatra e fuma maconha e crack. Ao longo da vida, já viajou por diversos estados do Brasil. É bastante conhecido por ser figura assídua no “Bar da Dalva”. Lá ele conversa com clientes e funcionários e costuma dançar quando há música ao vivo. É visto como uma figura caricata, mas já se envolveu em confusões e cometeu alguns assassinatos quando mais novo.

2.3 Metodologia

As entrevistas foram realizadas de acordo com um modelo de perguntas pré-estabelecido (que serviu para nortear o relato de acordo com o pretendido). Foi a melhor forma encontrada para evitar que pontos importantes das histórias ficassem perdidos. Apesar disso, por diversas vezes foi necessário sair do roteiro proposto para que a história pudesse ter a fluência necessária de um livro reportagem. O principal objetivo era atingir os dois pontos essenciais para o bom andamento de uma obra do gênero, quais sejam:

Do ponto de vista puramente teórico, quanto ao processo de comunicação com o leitor, o que o livro-reportagem procura é atingir harmonia entre duas qualidades: a eficiência e a fluência. A primeira cumpre a tarefa de informar e orientar com profundidade, de modo que o leitor obtenha uma compreensão ampliada da realidade. A segunda serve ao propósito de cumprir esta missão com elegância. (LIMA, 2008, p. 42)

Transformar cada entrevista em uma conversa franca se mostrou tremendamente importante. Com esse subterfúgio, os entrevistados conseguiram perder a insegurança e deram ainda mais detalhes da vida nas ruas, sem que se sentissem interrogados. A relação de confiança foi um passo importante para o desenrolar natural das histórias. O que pautava as entrevistas, portanto, era um roteiro aberto, sem quaisquer tipos de amarras que pudessem prejudicar o trabalho final:

Muito mais do que na reportagem do jornalismo impresso cotidiano, a entrevista desponta no livro como uma forma de expressão por si, dotada de individualidade, força, tensão, drama, esclarecimento,

emoção, razão, beleza. Nasce daí o diálogo possível, o crescimento do contato humano entre entrevistador e entrevistado, que só acontece porque não há a pauta fechada castrando a criatividade (MARINHO apud LIMA, 2004, p. 107)

2.4 Produção

A primeira parte da produção foi dedicada a conhecer mais sobre o assunto e a elaborar a forma mais viável de dar início ao projeto. Antes mesmo de buscar a primeira entrevista, procurei sondar as regiões em que moradores de rua vivem. Visitei albergues, viadutos e pontos de aglomeração de indigentes como alguém de fora; o objetivo era começar a alicerçar uma base firme para as entrevistas. Durante esses dias, andei por boa parte da cidade. Era importante, também, encontrar personagens que pudessem ser entrevistados em *seu* ambiente cotidiano dando, assim, mais literalidade e visualidade aos leitores.

Primeiro verificaram que não bastava tentar captar o real de maneira linear, lógica. A isso era necessário somar-se a experiência vital de o repórter lançar-se a campo aberto, nos cenários sobre os quais escreveria, para melhor sentir a realidade no que tem de subjetiva, imaterial. (LIMA, 1993, p. 46)

O intuito da pesquisa era encontrar pontos que pudessem me trazer um pouco de luz na abordagem do assunto. Foi durante essa pesquisa que encontrei o documentário *Nossos Mortos*, produzido pelo sociólogo David Vega. O filme oferece histórias de moradores de rua apresentadas por eles mesmos, sem qualquer juízo de valor. O espectador, portanto, é convidado a tirar suas próprias conclusões. Procurei, então, seguir o mesmo estilo de narrativa: deixar que os personagens sejam os próprios protagonistas enquanto eu, um mero “condensador”. O intuito é fazer com que cada leitor contemple a história, imagine-a e viva-a. O objetivo é fazer aquilo que Lima (2008) definiu como um dos pilares do *New Journalism*, o que dá “calor, vida, rostos, nomes a reportagem”. Com espaço ainda mais livre que o da reportagem, tais atributos, somados a fluência original do jornalismo literário, acabaram por somar ainda mais na qualidade do produto.

2.4.1 – Entrevistas

O primeiro ponto observado, antes mesmo de elaborar qualquer relato, foi em relação às características do entrevistado. O objetivo era reunir um grupo heterogêneo e, com isso, captar histórias que fossem absolutamente tão distintas quanto eles o são.

Para chegar a bons personagens, é preciso encontrar muitos e descartar a metade. Apure os detalhes das histórias de todos como se fossem imprescindíveis. Mas inclua na matéria só os mais representativos. (SALVADOR, 2004, p 161)

O primeiro foi Fabio Pereira Rocha. Alto, magro, cabelos longos, barba por fazer, sobrevive nas ruas de um bairro de classe alta da cidade. Sua entrevista foi bastante proveitosa, mas, por ter sido a primeira, acabei tendo de voltar para colher outros dados. A primeira dificuldade foi: como abordar um morador de rua e perguntar todos os detalhes da sua vida sem parecer um mero intruso? Optei pela franqueza: assumi-me como jornalista e deixei claro todos os propósitos do livro. Ele compreendeu bem e se mostrou disposto a colaborar. Preferi realizar a conversa no mesmo local onde ele dormia. O mais importante era deixar o entrevistado à vontade. No chão frio da Savassi pude notar um elemento que me prejudicaria: o som e o movimento a nossa volta. A tática escolhida foi sempre manter o gravador bem próximo à boca do morador de rua. Fabio fala muito bem e o excesso de desenvoltura chegou a prejudicar. Mudei o roteiro e, com ele, preferi abordar detalhes de cada assunto.

O segundo a ser entrevistado foi o Juliano Geraldo Santos. Com ele, o problema era o de garantir que aquelas informações verdadeiras. Sendo assim, foi necessário confronta-lo de forma sutil. Outro empecilho: o álcool e a maconha. Durante toda a conversa, ele dava pequenos goles em uma garrafa de cachaça e fumava um cigarro de maconha. Apesar disso, foi possível conseguir boas histórias dele. Uma rápida conversa com proprietários de bares da região e com moradores me confirmou que as histórias procediam.

Entrevistei Fabiano Mota Pereira em um abrigo localizado no bairro Floresta. A grande questão foi como convencê-lo da importância que o trabalho poderia ter para as outras pessoas. Os assistentes sociais já haviam me contado um pouco do que ele havia passado. Interessei-me, principalmente, pelo fato de que sua história é quase um “ clichê ”: Fabiano perdeu tudo por conta do crack e acabo nas ruas. Ele somente aceitou conceder a entrevista quando vislumbrou que, de alguma forma, tudo que ele passou

poderia auxiliar outros jovens viciados a não continuarem nesse caminho. Durante a entrevista, ele transpirava bastante e ao lembrar-se de tudo que já passou ficava nervoso e dava pequenos murros em na mureta em que estava sentado. A impressão era de que só de lembrar, ele já começava a sentir os efeitos da abstinência. Para evitar que ele ficasse nervoso demais busquei alternar os assuntos, recompondo-o entre uma coisa e outra. Fabiano me confidenciou que não gostava de tocar nesses assuntos e, principalmente, de pensar no ponto em que havia chegado.

O quarto entrevistado foi Paulo Duarte Cabral, ainda no albergue. Depois de conversar com vários moradores, notei que um deles me seguia. Perguntei o que ele queria e ele me disse que sabia que eu era jornalista e que queria contar uma história que ninguém jamais havia contado. Tive um pouco de receio, mas sentei-me junto dele. Estava diante de um homem com transtorno bipolar e esquizofrenia. Para piorar, depois do surto, passou a usar crack, tornando-se dependente. No fim de sua entrevista ouvi um estrondo vindo de dentro do albergue. Descubro que alguém que acabara de ser rejeitado por não corresponder ao perfil dos moradores de rua acolhidos pelo albergue havia dado um murro em uma vidraça. Quando estou saindo, vejo o homem com a mão enfaixada e um rastro de sangue no lugar.

A jovem Jenifer Tatiane entrevistei em um abrigo misto, que funciona de oito as dezoito horas. Diante da negativa do assistente social de realizar as entrevistas dentro do albergue, ela se auto convida para relatar sua história. Jenifer tem 21 anos. Morou na rua por um ano, junto do namorado. Ela sorri o tempo todo e parece não se abalar com o passado.

A última entrevista é a mais surpreendente. A cada palavra, me sensibilizo com ela. De tudo que ouvi nas ruas, nada chegou perto da força que Ana Lucia me passou. Sua história é cercada de revira voltas e tragédias, dignas de cinema. Meu obstáculo com ela é manter-me imparcial diante de tudo que ouvia. Acabou sendo a entrevista de que mais extrai detalhes. Em alguns trechos ela se comove. Faço como quando entrevistei Fabiano: mudo o assunto de forma sutil. Analfabeta, assinou autorização de uso da imagem com o polegar, junto de uma testemunha.

O próximo passo foi decupar cada um dos relatos. Sem dúvida, a tarefa mais estressante e trabalhosa até aqui. Cada transcrição de áudio demorou um longo tempo para ser obtido, fato que retardou o início da parte escrita.

A parte escrita

Escrever sobre o que quer que seja demanda tempo e esforço. A busca por minúcias que possam enriquecer a trama é tarefa de todo jornalista. O perfil é um tipo de texto que pede esses detalhes, que eventualmente desaparecem em meio à objetividade das redações. Tudo o que não se pode exigir de um texto desse tipo são histórias curtas. O perfil deve ser um texto lido aos poucos e quase que degustado pelo leitor.

Ao contrário das (entrevistas) pingue-pongue, perfis tratam da personalidade de alguém. Contam histórias de vida, preferências pessoais, hobbies e idiossincrasias. Preocupam-se com a intimidade do entrevistado e com aspectos pouco conhecidos de sua trajetória profissional. Opiniões são importantes, mas não constituem o núcleo do trabalho. (SALVADOR, 2004, p 149)

Na transcrição das falas para o livro, preferi subdividir o perfil de acordo com o tema. O objetivo foi dar fluidez ao texto, além de ser um recurso que permite a passagem do tema, ajudando a criar no leitor uma expectativa a respeito do texto.

Divida o texto em partes (retrancas). Cada uma aborda um tema referente à história principal e, claro, deve ter o próprio planejamento. Uma, por exemplo, pode descrever a mansão onde ocorreu a festa. Outra, dar destaque ao cozinheiro francês especialmente contratado para o evento. (SALVADOR, 2004, p 26)

Por fim optei por escolher a ordem dos capítulos de acordo com as histórias, o objetivo era sempre alternar o estilo e a temática evitando assim que o leitor se deparasse com textos ou matérias que se repetissem. Após já devidamente separados em capítulos foi possível ver o livro se formando. Mesmo que ainda não diagramado nesse estágio já temos condições plenas de saber como o produto final vai ficar. Vislumbrado o projeto final foi feita uma última correção, essa por sua vez se colocando no papel de leitor. Isso é importante, pois ajuda a evitar que alguma falha estrutural passe para a impressão final. Foi nessa fase também que detalhes como título e capa foram pensados. Para o primeiro eu pensei em um título que transmitisse bem a ideia de que o que o livro traria ao leitor seriam histórias. Histórias que tal qual pequenas crônicas ajudariam a contar sobre um cotidiano inacessível a ele.

2.5 Pós-produção

Após o término do material e com o livro já devidamente editado, enviei ao jornalista e amigo Rodrigo Castro que diagramou o projeto. A capa optei por usar a imagem em preto e branco de um morador de rua, dormindo no chão, feita pelo fotógrafo Marcos Figueiredo. A imagem quando colocada sob um fundo preto e um título escrito por uma cor clara dá um contraste que chama atenção para o personagem central dormindo no chão.

As fontes utilizadas na capa foram a Novecento Wide Bold e a Museo Slab 300 e internamente a Museo Slab e Arvo. O trabalho foi revisado pelo amigo e ex-colega de curso Eduardo Nascimento, por mim e pela minha orientadora Laenne Mucci. Após todo o trabalho o livro foi mandado para impressão sendo uma cópia feita para mim e outras três para professores que compõe a banca.

2.5.1 Descrição do produto - Crônicas do asfalto: Memórias de moradores e ex-moradores de rua de Belo Horizonte

Número de páginas: 196.

Formato: 14 cm x 21 cm.

Páginas: papel sulfite.

Capa: colorida, papel fotográfico 240 g.

2.6 ORÇAMENTO, MATERIAIS E CRONOGRAMA

2.6.1 ORÇAMENTO

Descrição	Valor
Passagens (Viçosa x Belo Horizonte)	R\$ 420,00
Passagens Circular	R\$ 28,00
Impressões e papelaria	R\$ 200,00
Taxi	R\$ 20,00
Total	R\$ 668,00

2.6.2 MATERIAIS

Quantidade	Descrição
01	Gravador de voz digital portátil coby cxr 190
01	Bloco de Notas
01	Notebook Sony Vaio.

2.6.3 CRONOGRAMA

	Fevereiro	Março	Abril	Maior	Junho	Julho
Pré-produção	X					
Produção		X	X			
Pós-produção				X	X	
Edição Final					X	X
Banca						X

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mais de seis meses se passaram desde que a ideia de fazer um livro, que pudesse contar um pouco da realidade dos moradores de rua, nasceu. Foram seis meses de intenso aprendizado, da primeira e desastrosa tentativa de abordagem as últimas entrevistas foi tudo muito intenso. Durante o percurso recebi varias negativas e por mais de uma dezena de vezes tive de explicar o porquê de escrever um livro inteiro sobre o assunto.

Aos poucos, porém, foi se consolidando a crença no quão importante o projeto em si. Foram varias horas de entrevistas gravadas e mais varias horas de entrevistas feitas em off. Nesse período ouvi histórias sobre Deus e o Diabo, sobre amor e ódio, confissões, pedidos de ajuda. Aprendi muito durante todo o percurso. Nas entrevistas descobri que o papel fundamental do jornalista é manter certa distancia e transmitir confiança ao entrevistado. Uma vez conseguida essas duas condições ele passa a ter u domínio sob o conteúdo que lhe é passado.

Por vezes me sentei ao lado de onde viviam e mesmo que como ‘mero coadjuvante’ não pude deixar de notar os olhares que de forma silenciosa colaboram com a perpetuação dessa situação urbana. De tudo talvez a maior lição que fica é que o jornalista é uma mera ferramenta, um coadjuvante que deve ter humildade para compreender que é mero contador de histórias. Durante todo o meu percurso na

universidade, o livro aqui concluído, talvez tenha sido o trabalho mais gratificante e sem sombra de dúvidas o mais complicado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAHIA, Juarez. **Jornalismo, História e Técnica: História da Imprensa Brasileira.** Vol 1, 2009.

CHARRIÈRE, Henri. **Papillon.** W. Roth & Cia. 2013

CHRISTIE, Agatha. **O caso dos dez negrinhos.** Rio de Janeiro: Globo Editora, 1939.

HERSEY, John. **Hiroshima.** São Paulo : Companhia das Letras, 2002.

LIMA, Alceu. **O jornalismo como gênero literário.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

LIMA, Edvaldo. **Páginas ampliadas – o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura.** São Paulo: Manole, 2004.

RODRIGUES, Nelson. **O óbvio ululante.** São Paulo: Editora Schwarcz, 1994.

SEQUEIRA, Cleofe Monteiro de. **Jornalismo Investigativo: O fato por trás da notícia** Summus Editorial, 2005.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística.** 5ª ed. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: por que as notícias são como são.** V. 1. Florianópolis: Insular, 2005.

VILLAS BOAS, Sergio. **Perfis e como escrevê-los.** São Paulo: Summus, 2003

KIEFER, Charles. **Para ser um escritor.** São Paulo. Texto Editores, 2010.

SALVADOR, Arlete. **A arte de escrever bem.** São Paulo. Editora Contexto, 2012

Sites

População de rua cresce 52% em Belo Horizonte - Disponível em http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2014/04/26/interna_gerais,522832/populacao-de-rua-cresce-52-em-belo-horizonte.shtml Acessado em 25 jun. 2014.

Estimativa de moradores de rua no Brasil – Disponível em <http://moradoresderua.org.br/2012/03/30/estimativa-de-moradores-de-rua-no-brasil/> Acessado em 2 jun. 2014.

Tóquio tem mais de 3 mil moradores de rua – Disponível em <http://www.ipcdigital.com.br/Noticias/Japao/Capital-do-Japao-tem-mais-de-3-mil-moradores-de-rua> <http://oglobo.globo.com/mundo/a-nova-york-dos-excluidos-12960174> Acessado em 5 jun. 2014.

Moradores de rua: por trás destes números há pessoas - Disponível em http://www.brasilpost.com.br/2014/06/30/intervencao-anti-moradores-de-rua_n_5543591.html Acessado em 15 jun. 2014.

Moradores de rua são "invisíveis" para sociedade - Disponível em <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/sp/moradores-de-rua-sao-invisiveis-para-sociedade/n1237653440497.html> Acessado em 7 jun. 2014.

Número de moradores de rua cresce a olhos vistos em Londres - Disponível em <http://envolverde.com.br/sociedade/mundo-sociedade/numero-de-moradores-de-rua-cresce-a-olhos-vistos-em-londres/> Acessado em 7 jun. 2014.

População em situação de rua, vidas privadas em espaços públicos:

O caso de belo horizonte 1998 – 2005 Disponível em

http://web.face.ufmg.br/cedeplar/site/seminarios/seminario_diamantina/2006/D06A096.pdf Acessado em 7 jun. 2014.

II Encontro Nacional de Produtores e Usuários de Informações Sociais, Econômicas e Territoriais Disponível em

http://www.ibge.gov.br/confest_e_confefe/pesquisa_trabalhos/arquivosPDF/L714_02.pdf Acessado em 5 jun. 2013. Acessado em 2 jun. 2014.

Abrigos para moradores de rua de BH estão lotados – Disponível em

http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2013/10/08/interna_gerais,457253/abrigos-para-moradores-de-rua-de-bh-estao-lotados.shtml Acessado em 15 jun. 2014.

ANEXOS

Roteiro de Entrevista atual morador de rua:

Dados preliminares

1 - Nome Completo

2 – Idade

3- Nasceu onde?

3 - Lugares onde mora/costuma dormir

4 - Há quanto tempo mora na rua

Vida nas ruas

- 5- Porque decidiu morar na rua
- 6 – Quais são as maiores dificuldades de morar na rua
- 7 – Já passou fome ou algo do tipo
- 8 – Como faz pra satisfazer as necessidades essenciais
- 9 – Já tentou sair das ruas ?
- 10 – Já sofreu alguma forma de violência nas ruas? Como faz pra se proteger?
- 11 - Como é a convivência com os outros moradores?
- 12 – Como é a relação com a PM?
- 13 – Já foi preso alguma vez? Se sim por que?
- 14 – Faz uso de alguma substancia licita ou ilícita nas ruas? Se sim qual.
- 15 - Em caso de resposta afirmativa; Por que faz uso desta substancia?
- 16 – Durante o tempo que mora na rua do que sente mais falta?
- 17 – Como as autoridades tratam os moradores de rua de Belo Horizonte?
- 18 – Já dormiu em albergue? Como foi a experiência?
- 19 – Você consegue lembrar como foi o seu primeiro dia nas ruas?
- 20- É possível ser feliz morando na rua?

Família

- 21 – Tem filhos (a)? É casado (a)?
- 22 – Tem contato com eles?
- 23- Eles sabem que você mora na rua?
- 24 – Como é/era a sua relação com os seus pais?

25 – Como era a sua vida antes de ir para as ruas?

26 – Acredita em Deus? Tem religião?

27 – Tem planos para o futuro?

Roteiro de Entrevista ex-morador de rua:

Dados preliminares

1 - Nome Completo

2 – Idade

3- Nasceu onde?

3 - Lugares onde morou/costumava dormir

4 - Quanto tempo morou na rua

Vida nas ruas

5- Porque decidiu morar na rua? Como saiu da rua?

6 – Quais são as maiores dificuldades de morar na rua?

7 – Já passou fome ou algo do tipo?

8 – Como fazia pra satisfazer as necessidades essenciais?

9 – Já havia tentado sair das ruas antes de ter saído?

10 – Já sofreu alguma forma de violência nas ruas? Como fez pra se proteger?

11 - Como foi convivência com os outros moradores?

12 – Como era a relação com a PM?

13 – Já foi preso alguma vez? Se sim por que?

14 – Fez uso de alguma substancia licita ou ilícita nas ruas? Se sim qual.

- 15 - Em caso de resposta afirmativa; Por que fez uso desta substancia?
- 16 – Durante o tempo que mora na rua do que sentiu mais falta?
- 17 – Como as autoridades tratam os moradores de rua de Belo Horizonte?
- 18 – Já dormiu em albergue? Como foi a experiência?
- 19 – Você consegue lembrar como foi o seu primeiro dia nas ruas?
- 20- É possível ser feliz morando na rua?

Família

- 21 – Tem filhos (a)? É casado (a)?
- 22 – Tem contato com eles?
- 23- Eles sabiam que você mora na rua?
- 24 – Como é/era a sua relação com os seus pais?
- 25 – Como era a sua vida antes de ir para as ruas?
- 26 – Acredita em Deus? Tem religião?

Vida pós rua:

- 27 – Voce se lembra do primeiro dia fora das ruas?
- 28 – Já encarou preconceito por ser ex-morador de rua?
- 29 – Já sentiu alguma vontade de voltar pras ruas?
- 30 – Como foi o momento em que você decidiu sair das ruas? Alguma vez você pensou em desistir?
- 31 – Tem contato com outros ex-moradores de rua?
- 32 – Qual é a sua reação hoje diante um morador de rua?

Roteiro de Entrevista psicólogo:

- 1- Por que as pessoas vão pras ruas?
- 2- Como o aspecto mental e psicológico são afetados por essa mudança?
- 3- Muito se fala que as pessoas comuns costumam ignorar essa população menos favorecida. Existe alguma explicação para essas reações?
- 4- Recentemente o psiquiatra Gentil Filho foi entrevistado no programa roda viva e criticou a luta anti-manicomial. Como tratar os moradores de rua que sofrem de distúrbios psicológicos?
- 5- Por que tantos moradores de rua usam drogas ou álcool? Como isso pode afetar a recuperação deles em longo prazo?

Roteiro entrevista voluntario:

- 1- Por que você decidiu ajudar essas pessoas?
- 2- Como você descobriu o trabalho voluntario?
- 3- O governo/prefeitura colabora de alguma forma?
- 4- Como enxerga esses moradores de rua hoje e como via antes?
- 5- Qual a maior dificuldade em se praticar esse tipo de trabalho?